[Títulos]
Há 30 anos nascia o programa Erasmus. Nesta edição, olhamos para o impacto sobre os jovens e sobre o projecto comum europeu

Vários dirigentes americanos visitaram a Europa nos últimos dias: o balanço destas visitas e as relações entre os Estados Unidos e a NATO estão também em destaque neste programa

Em França, algumas manifestações contra a violência policial acabaram em distúrbios. Uma situação que já foi comentada pelos candidatos à presidência do país
[Fim dos Títulos]

Bem-vindos ao Magazine Europa,

Este ano assinala-se o 30º aniversário do programa Erasmus, um projecto da União Europeia que tem vindo a promover a mobilidade de estudantes e o intercâmbio cultural. A data é celebrada na Europa através de mais de 200 eventos em 33 países. Eventos que devem reunir cerca de 280 mil participantes.

A jornalista Olga Pereira, da Rádio Macau, recupera um pouco da história do programa:

RM – Olga Pereira:
"Quase 300.000 estudantes por ano beneficiaram do programa Erasmus ao longo das últimas três décadas.
De acordo com a União Europeia, o objectivo é apoiar a modernização da educação na Europa. Neste sentido, o Erasmus tem permitido aos europeus estudar, mas também receber formação, ganhar experiência de trabalho e participar em acções de voluntariado fora dos países de origem.
Quando foi criado, em 1987, o projecto abrangia 11 países. Hoje são 33 as nações que participam no programa, que se estende para além das fronteiras europeias.
O projecto cresceu também em termos de conteúdo e tipo de beneficiários.
O Erasmus +, como é hoje designado, abrange também estágios profissionais e uma série de iniciativas na área do desporto. O projecto cobre um leque mais variado de participantes, que inclui profissionais de diversas áreas e organizações a quem é dada a oportunidade de participar, por exemplo, em acções de voluntariado ou de aprendizagem.

Destaque ainda para o apoio que o Erasmus + tem dado à integração de refugiados.
Lançado em 2014, o Erasmus + já beneficiou cerca de 2 milhões de pessoas.
O actual programa a sete anos, referente ao período entre 2014 e 2020, conta com um orçamento de 14 mil e 700 milhões de euros. Um valor que, diz a União Europeia, representa um aumento de 40 por cento em relação a orçamentos anteriores."
++++++++++++++++++++++++++++++

Ao telefone a partir de Bruxelas está o comentador residente do Magazine Europa, Victor Ângelo, consultor internacional baseado na capital belga.

Olá, Victor, muita coisa mudou na Europa nos últimos 30 anos. De que forma é que este programa tem contribuído para a coesão na Europa?

RM – Victor Ângelo:
"O programa Erasmus tem sido, e transformou-se mesmo, na pérola da coroa europeia. É, certamente, um dos programas mais importantes em termos da promoção do ideal europeu. E, sobretudo, porque abrange a população jovem e, nos últimos anos, tem formado bastante gente. O programa que neste momento está aprovado para o período 2014-2020 é extremamente ambicioso e vai, certamente, permitir não só um maior conhecimento da realidade existente nos diferentes países europeus, mas vai também permitir aos jovens estabelecer laços de amizade, de cooperação, laços mesmo familiares, com jovens de outros países europeus. Se há alguma coisa que tenha contribuído para a integração europeia e para o programa comum é, certamente, o programa Erasmus. Neste momento, o Erasmus tem uma dimensão de inclusão social muito grande, porque, para além dos intercâmbios de estudantes, permite também financiar os estudos de refugiados e, nomeadamente, a formação linguística daqueles que chegaram à Europa recentemente como refugiados. E tem também previsto financiar cerca de 7 mil projectos que vão promover a inclusão social. E isso é importante numa altura em que uma parte relativamente significativa da população, sobretudo os mais jovens, se sentem excluídos do progresso social e da economia."

Quais as vantagens que esta experiência traz aos jovens?

RM – Victor Ângelo:
"Os jovens que têm participado no programa Erasmus encontram mais facilmente um emprego, são muito mais móveis – e nós

estamos, neste momento, num mundo em que existe mobilidade: hoje pode-se trabalhar em Portugal, amanhã na França e, dentro de alguns anos, noutro país europeu. Por isso, a mobilidade, numa sociedade mais global – e certamente numa Europa mais integrada economicamente –, é uma questão fundamental. E, além disso, há também a questão linguística e da abertura de mentalidades, porque, na realidade, os jovens que participaram no programa Erasmus e que puderam ser formados durante algum tempo noutras universidades noutros países, entraram em contacto com outras culturas, com outras maneiras de ver as coisas, e, certamente, alargaram bastante as suas perspectivas culturais, humanas e políticas."

Na área do ensino superior, a tendência no espaço europeu tem sido de harmonização dos cursos ou, pelo menos, da duração dos mesmos, se pensarmos no processo de Bolonha. Este tipo de medida coloca em risco as especificidades locais?

RM – Victor Ângelo:
"As grandes universidades europeias continuam a ter as suas identidades. Há grandes universidades com uma grande tradição histórica e essa tradição histórica mantém-se. O que é verdade, também, é que isso é agora partilhado com jovens vindos de outras partes da Europa. Não creio que isto ponha em causa, por um lado, a especificidade de certas universidades, a qualidade do ensino que é ministrado, e também não põe em causa, certamente, o patriotismo dos jovens, porque, ao mesmo tempo que ganham uma experiência europeia e uma visão europeia das coisas, mantêm, apesar de tudo, uma ligação muito forte com o seu país de origem. Na realidade, a maior parte dos jovens que fizeram parte do programa Erasmus tem conseguido carreiras profissionais muito interessantes. E hoje já temos dados suficientes para mostrar que há uma ligação mais forte entre a participação nos programas do Erasmus e o sucesso profissional."

O secretário de Defesa norte-americano esteve em Bruxelas na semana passada, para participar na reunião ministerial da NATO. James Mattis procurou tranquilizar os membros da aliança atlântica quanto à posição da nova Administração norte-americana:

RM – James Mattis:
"A aliança continua a ser um pilar para os Estados Unidos e para toda a comunidade transatlântica. Estamos unidos e juntos. Como o Presidente Trump já afirmou, ele suporta firmemente a NATO."

Cada membro da NATO concordou em investir pelo menos 2 por cento do produto interno bruto em defesa, mas são poucos os que o fazem, o que tem sido alvo de críticas por parte da Administração Trump.

O Vice-Presidente dos Estados Unidos participou na última semana numa conferência sobre segurança, em Munique, na Alemanha. Naquela que foi a primeira visita oficial à Europa desde que assumiu o cargo, Mike Spence garantiu o apoio dos Estados Unidos aos países europeus, mas insistiu que todos os membros da NATO têm de cumprir o compromisso que assumiram:

RM – Mike Pence:
"Neste momento, os Estados Unidos e apenas outros quatro membros da NATO cumprem este critério básico. Elogiamos as poucas nações que estão em condições de vir a atingir esse objectivo, mas a verdade é que muitas outras, incluindo alguns dos nossos maiores aliados, ainda não reúnem essas condições, ainda têm um longo caminho a percorrer para cumprir esta meta mínima. Deixem-me ser claro neste ponto: o Presidente dos Estados Unidos espera que os nossos aliados mantenham a sua palavra e cumpram o compromisso assumido. Para a maioria, isso significa que chegou a altura de fazer mais."

O secretário-geral da NATO, Jens Stoltenberg, assegurou que este é um objectivo a atingir, mas difícil de aplicar de imediato por todos os membros da Aliança Atlântica.

RM - Jens Stoltenberg:
"Temos consciência de que vários aliados estão com problemas com os orçamentos e com os défices. Têm estado a tentar perceber como aumentar os fundos, mas esta é uma questão de dar prioridade à defesa. E quando os 28 aliados concordam, eu espero que os 28 cumpram. Mas nós acordámos em três passos: parar os cortes, aumentar gradualmente o investimento em defesa e chegar aos 2 por cento. Por isso, não esperamos que todos cheguem aos 2 por cento de imediato. Mas esperamos que todos parem os cortes e comecem a aumentar o orçamento para a defesa."

Victor, neste contexto, para onde caminha a política de defesa europeia?

RM – Victor Ângelo:
"A questão das despesas militares é uma questão muito delicada, neste momento, na Europa, sobretudo tendo em conta que os aspectos sociais da economia estão mal financiados, tendo em conta

que há muita gente no desemprego e tendo em conta ainda que muitos países estão a pôr em prática medidas de austeridade. Por isso, falar do aumento das despesas de defesa num contexto de austeridade e dificuldades sociais é politicamente muito difícil, muito complexo e, certamente, é algo que a opinião pública não entende facilmente. Mas também é verdade que há compromissos dos países europeus em relação à defesa comum – e nomeadamente em relação à sua participação na NATO – e tem havido pela parte dos Estados Unidos muita pressão nos últimos anos no sentido de os países europeus contribuírem mais para as despesas comuns. Por isso, a pressão actual, que é uma pressão muito viva, muito forte, vai no mesmo sentido, simplesmente é mais vocal, mais audível. Na cimeira da NATO de 2014, no País de Gales, os Chefes de Estado e de Governo que nela participaram comprometeram-se novamente a gastar cerca de 2 por cento do produto interno bruto dos seus países na área da defesa. Isso aconteceria progressivamente e davam como horizonte o ano de 2024. Por outro lado, também na cimeira de 2014, os Chefes de Estado e de Governo fizeram uma ligação muito estreita entre as despesas militares e o crescimento da economia. Ou seja, o aumento das alocações financeiras em relação à defesa só poderia ter lugar se houvesse crescimento económico na Europa."

De que modo é que as posições assumidas pela Administração Trump e pela Rússia podem influenciar a estratégia global da União Europeia para a política externa e de segurança?

RM – Victor Ângelo:
"A União Europeia tem pela frente uma grande questão em relação à defesa, que é, sobretudo, definir o que deve entender por defesa comum da União Europeia. É preciso fazer uma análise muito clara de quais são as principais ameaças que, neste momento, podem pôr em causa a soberania e a estabilidade da Europa. É preciso, em seguida, perceber quais são as respostas a essas ameaças. E algumas dessas respostas serão certamente de ordem militar, mas outras serão de ordem policial, por exemplo, no que tem a ver com a segurança interna. E também há outros aspectos da defesa que, hoje em dia, devem ser tidos em conta, porque estamos a assistir a ataques – contra a União Europeia e contra a unidade do projecto europeu – que têm muito a ver com a contra-informação e com a espionagem cibernética. Essas questões não são necessariamente questões militares – são questões que têm a ver com a defesa, mas que têm de ser tratadas de outra maneira e exigem, sobretudo, uma compreensão política muito grande, uma grande colaboração entre os Estados membros e, certamente, uma nova maneira de ver a

defesa – não apenas ver a defesa como força militar, mas também como algo que utiliza 'soft power', que utiliza outros instrumentos de poder, como, por exemplo, a informação, a diplomacia, as sanções económicas, etc."

Na última semana decorreu também na Europa uma reunião dos ministros dos negócios estrangeiros do G20, onde participou também o chefe da diplomacia dos Estados Unidos. Por outro lado, a visita do Vice-Presidente norte-americano, Mike Spence, ainda está a decorrer. Mas, até este momento, Victor, que balanço faz da visita dos dirigentes norte-americanos ao continente europeu?

RM – Victor Ângelo:
"Neste momento, na Europa, existe ainda muita confusão sobre qual é a posição da nova Administração americana em relação à Europa e, nomeadamente, em relação à União Europeia. Há alguma clareza, neste momento, no que diz respeito à NATO. Aparentemente, a Administração americana está disposta a continuar a investir na NATO, na condição de que os países membros da NATO também participem nas despesas comuns, como falámos. Mas em relação ao projecto europeu não há clareza. Há mesmo muita preocupação. Vários dirigentes europeus pensam que a Administração americana não considera o projecto europeu como um projecto viável, não considera que o projecto europeu possa responder às questões transatlânticas que a nova Administração americana gostaria de ver, e pensam também que os americanos vão sobretudo privilegiar as relações bilaterais com alguns países europeus. Isso, evidentemente, provoca bastante incerteza ao nível de Bruxelas e ao nível das capitais europeias – sobretudo daqueles dirigentes europeus que ainda acreditam que a única maneira de encarar o futuro é um futuro comum de toda a Europa."

Na Roménia, a população continua na rua, em protesto contra o Governo. No último domingo, milhares voltaram a manifestar-se em Bucareste e noutras cidades, exigindo a demissão do governo social-democrata. Os protestos começaram depois de o Governo romeno ter avançado com um decreto que despenalizava alguns actos de corrupção. O Executivo já voltou atrás nessa decisão, mas as manifestações continuam.

Em França, também houve manifestações na última semana. Centenas de pessoas saíram à rua em várias cidades francesas para protestar contra a violência policial. Em causa um jovem que terá sido vítima de abusos sexuais por parte de agentes da polícia francesa, como nos conta o jornalista da Rádio Macau, André Jegundo:

RM – André Jegundo:
"As manifestações começaram por ser pacíficas, com centenas de pessoas a saírem à rua em solidariedade para com o jovem Théo. Nalguns casos, acabaram em montras partidas, carros incendiados e confrontos entre manifestantes e autoridades.
Théo, 22 anos, denunciou os alegados abusos que terão ocorrido no início do mês. Na sequência desta denúncia, dois agentes foram acusados de agressão e um outro de violação.
O caso surge numa altura em que decorre a campanha para as eleições presidenciais em França.
Marine Le Pen, candidata da extrema direita, já responsabilizou os políticos que governam o país 'há anos' pelos distúrbios na capital francesa, afirmando ainda que as forças de segurança 'têm sido alvo de uma escumalha'. Palavras criticadas pelo candidato do Partido Socialista, Benoît Hamon, que acusou a líder da Frente Nacional de encorajar a violência com um 'discurso de ódio'.
Já François Fillon, candidato da direita, lamentou que tivesse sido autorizada uma manifestação quando 'os riscos eram evidentes'."
++++++++++++++++++++++++++++

Victor, este caso volta a chamar a atenção para o problema da integração das minorias em França. O que está a falhar?

RM – Victor Ângelo:
"o que está a falhar em França é o que tem falhado ao longo de muitos anos. E esta não é a primeira vez que nós temos este tipo de manifestações de rua e este tipo de problemas sociais com certas minorias que vivem em França. Durante muitos anos, durante décadas, o projecto francês baseou-se na criação de cidades-satélite nos arredores das grandes urbes, que são cidades fundamentalmente dormitório e também de pessoas emigradas, de pessoas mais pobres ou de pessoas com empregos menos remunerados. Houve um atirar destas populações emigrantes para determinados centros urbanos da periferia. Houve, por outro lado, pouca preocupação em criar nesses centros urbanos de periferia as infra-estruturas sociais, culturais, etc., que seriam necessárias para que isso não fosse apenas um dormitório. E a realidade é que nós temos, hoje em dia, à volta das grandes cidades, muitos problemas e temos cidades, periferias, que são na sua maioria periferias de gente que tem imensas dificuldades na vida. No caso actual, a periferia que está em causa é a periferia do departamento 93, que é Seine-Saint-Denis. Nessa zona, 27 por cento da população é pobre, cerca de 30 por cento da população de Seine-Saint-Denis é emigrante e é evidente que essas pessoas se sentem excluídas, sobretudo os

jovens. Há uma grande taxa de desemprego em França, mas essa taxa de desemprego é particularmente importante para quem tem entre 18 e 24 anos."

E a confirmarem-se as alegações de abusos por parte da polícia, este caso demonstra também que há um problema no modo de actuação das autoridades...

RM – Victor Ângelo:
"Os polícias franceses – e as autoridades em geral, mas, sobretudo, a polícia francesa – praticam uma maneira de trabalhar que é baseada na filtragem racial. As pessoas são paradas na rua e são identificadas tendo em conta o seu aspecto físico. É aquilo a que nós chamamos a filtragem racial. E, além disso, há muito racismo institucional, nomeadamente ao nível da polícia. Isto tem sido uma constante, tem sido um problema que não foi resolvido, e é algo para o qual é preciso encontrar uma solução. Também há quem neste momento se interrogue por que é que apareceu este fenómeno de violência policial em França nesta altura, nas vésperas de um processo eleitoral muito importante."

Que consequências podem ter estes acontecimentos numa altura em que a candidata da extrema direita à Presidência do país, Marine Le Pen, dispara na sondagens?

RM – Victor Ângelo:
"Há quem pergunte se esta violência policial a que estamos a assistir em França não será inspirada por elementos da Frente Nacional para dar a impressão de que a polícia não consegue controlar os bairros periféricos e, por isso, os bairros periféricos precisam de um tratamento ainda mais forte, em termos de intervenção policial, e o Estado precisa de ser um Estado ainda mais forte em termos de direcção política, ou seja, precisa de ser um Estado dirigido por Marine Le Pen."

A análise de Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa.
A fechar a sétima arte. Cidade Pequena, do realizador português Diogo Costa Amarante, venceu o Urso de Ouro para a Melhor Curta-Metragem no Festival Internacional de Cinema de Berlim.

O filme conta a história de Frederico, um menino de seis anos que um dia descobre na escola que as pessoas morrem porque o coração pára de bater.

É o segundo ano consecutivo que o galardão vai para Portugal, depois de no ano passado Leonor Teles ter sido distinguida pelo filme Balada de Um Batráquio.

Até para a semana!

[Ficha técnica]

Com edição e apresentação de Sofia Jesus, a análise de Victor Ângelo e coordenação de Rui Flores, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do Projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões expressas neste magazine não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.